

## A ESPERANÇA E O BEM MORAL NOS ESCRITOS RELIGIOSOS PORTUGUESES – SÉCULOS XIV E XV.

Michelle Tatiane Souza e Silva\*

Num texto produzido em Portugal no final do século XIV, o *Virgeu de consolaçon*, depois de um extenso estudo sobre os pecados e vícios terrenos, o compilador anônimo reúne diversas autoridades do saber para discorrer sobre a virtude “da sabedoria que os homens devẽ aver ã se preveer das cousas que ham de vijr”. Numa das passagens o escritor transcreve um trecho do filósofo Sêneca para defender a importância moral de se prestar atenção no presente, ter em conta o passado e considerar o que está por vir:

E diz Seneca: Se o teu coração he de entendimento, tres cousas has de pensar e ordinar, *scilicet*, as cousas presentes oolha e consijra, e pensa sempre nas que podem e devẽ vijr, e outrossy acorda-te das traspassadas. Ca aquel que se nõ acorda nõ pensa nas cousas passadas perde a vida, e aquel que nas cousas que podem avijr e recreçer nõ pensa, anda ã totalas cousas assi como desentendudo. E diz este meesmo: Certa cousa he que o entendudo e sabedor sabe examinar primeyramente o sseu conselho, e nõ seer de ligeyro demovudo a cousas falsas e nõ certas. E do entendudo he saber ben guiar e manteer e governar si meesmo. E aquel que ben si meesmo governa e mantẽ sua vida saberia bem governar hũu regno. E diz este medes: A palavra que ouveres de dizer, ante a pinta a forma na vōotade, e ante a senta em si a alma, ante que aa lingoa venha. E diz ade[a]nte: Boa cousa he seguir a carreyra dos mayores, se bẽ andã e sempre i deve seer escolheyto o bõ antre nós e tẽer-lo sempre ante os olhos.<sup>1</sup>

Esse famoso livro religioso produzido em Portugal no final do século XIV e início do século XV – além do *Virgeu*, são conhecidos também o *Boosco deleitoso*, a *Corte Imperial*, e o *Horto do Esposo*, todos de autoria anônima – é dividido em cinco partes: as duas primeiras abordam os pecados e as três últimas correspondem às virtudes

---

\* Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista - Unesp/Franca e Doutoranda em História na mesma Universidade. Especialista em História Medieval. (histmt@yahoo.com.br)

<sup>1</sup> *Virgeu de Consolaçon*. Ed. Crit. de Albino de Bem Veiga. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1958. p. 48-49.

que agradam a Deus.<sup>2</sup> Em cada uma dessas partes o compilador faz uma pequena descrição do que será tratado e, logo em seguida, ele lista uma série de citações “[...] que dam prazer maravilhosamente ao coração daquel que as cõ voontade leer ou ouvir”. Dessa maneira, toda a argumentação do compilador é construída pelas palavras de “auctoridade de sanctos, e d’algũus sabedores” ajuntadas como “flores”, ou seja, recolhidas de “desvayradas maneyras e de desvayrados logares”.<sup>3</sup> Para o escritor, a compilação de diversos trechos de autores diferentes não é somente o método que ele escolheu usar, como também é a própria justificação e o porquê da existência da obra, pois, o anônimo acredita na importância de se fazer conhecer determinados textos que ajudariam na formação espiritual dos seus contemporâneos.

O trecho aqui recordado foi retirado do quarto capítulo da terceira parte, onde o compilador tem como principal objetivo discorrer sobre a fé, que para ele nasce do bom entendimento e da boa vontade e se estabelece no coração do cristão através da firme confiança em Deus e nos fundamentos da religião.<sup>4</sup> Além de definir o que seria a fé, ele também listou uma série de virtudes que fortalecem e mantêm essa confiança em Deus: a esperança, a caridade, a fortaleza, a temperança e a justiça. Além dessas virtudes, ele inclui a sabedoria que, “segundo diz Tulio, he aver conhecimento e entendimento em saber as boas cousas e as maas, e das boas husar e poer-las en obra, e das maas saber-se guardar”,<sup>5</sup> mas o que é importante mesmo frisar é que tal sabedoria é somente construída através da lembrança das coisas passadas, do firme julgamento do que acontece no presente e da capacidade de se prevenir para o futuro.

Esse jogo entre o passado, o presente e o futuro, ou melhor, a afirmação de que tanto o passado quanto o futuro são cruciais na melhora moral do cristão no presente é bastante recorrente nas obras de exortação religiosa contemporâneas ao *Virgeu*, mas, a bem da verdade, os textos medievais de uma forma ou de outra contemplam tal temática. Isso porque a vida do cristão estava marcada pela constante lembrança do Paraíso e do Inferno, e das virtudes e vícios que conduziam a alma para um ou outro

---

<sup>2</sup> VEIGA, Albino de bem. Introdução. In: *Ibid.*, p. X.

<sup>3</sup> **Virgeu de Consolaçon.** p. 3

<sup>4</sup> *Ibid.*, p.45.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p.46.

lugar, dependendo das escolhas terrenas.<sup>6</sup> Isso de imediato quer dizer que a trajetória terrena do cristão é marcada por essa lembrança coletiva e constante das coisas que foram e das coisas que podem ser, ou melhor, é marcada, como lembra o compilador do *Virgeu*, pela esperança de uma vida eterna e feliz:

E diz san Bernardo: Nõ tam solamente he alegria a vida, mais a provison da perduravil vida por sempre. E diz esse meesmo: Tam grande he a sperança dos justos e tam grande alegria hã em ella, que en todo o mundo nõ pode seer cousa cobijçosa nẽ tã desejosa, que seja comparada a esta, ca nũca a boa sperança pode seer sen alegria. E diz mais adelante: Qualquer cousa que seja de fazer ou nõ fazer, e que quer que seja de soffrer ou cobijçar, sempre devemos sobre todas as outras cousas teer firmemente e dizer: Senhor, tu es minha sperança, tu es minha consolaço sobre todos os meus prometimentos. Esta he a razon de toda minha sperança, aqueste he o meu prometimento, esta he a entençõ do meu coraçõ, esta sperança he ã mjn posta, e en esta perseverarey. Senhor, todalas cousas por ti despreço e nõ as tenho en mais que sterco, ca tu, Senhor, soo es minha sperança. Se galardõoes a mjn son prometudos, per ti soo os spero d'aver; se tentaçõoes ou maaes contra mjn foren, sempre, Senhor, em ti sperarey: se o mundo contra mjn for e se o maaõ enmijgo contra mjn se assanhar, se a carne muito cobijçar, sempre ja mais ã ti sperarey, meu senhor Jesu Cristo.<sup>7</sup>

Porém, a esperança é mais do que um voto de confiança, ela é a própria razão de ser da vida do bom cristão, é ela que conduz e fundamenta o desenrolar de cada dia. A esperança, portanto, não é somente um dado da fé, é ela, como lembra o compilador, uma virtude a ser alcançada e, por isso, ela compõe uma das facetas da racionalidade humana. Antes de desdobrar o que seria a esperança na moral cristã, e mais especificamente como ela é entendida nos textos religiosos portugueses, vale fazer um pequeno parêntesis para traçar algumas ligeiras linhas e tentar entender o que seria a racionalidade humana dentro das formulações morais cristãs. O homem, por ser a criação mais perfeita e mais próxima do Criador, recebeu no ato de seu surgimento o dom da racionalidade, e assim sendo o homem tornou-se capaz de aprimorar-se, de escolher e de construir sua trajetória rumo à salvação, ou por outra via, ele pôde

---

<sup>6</sup> YATES, Frances Amelia. **A arte da memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p. 83-84.

<sup>7</sup> **Virgeu de Consolaçon**, p.46-47.

escolher se afastar da Verdade, mantendo o seu coração endurecido.<sup>8</sup> No ato da criação, Deus fez surgir um homem que possuía um corpo e uma alma racional, é a alma que tem por tarefa conduzir o corpo para o reto caminho, portanto, é ela que se confronta com Deus e tem uma tarefa necessária, por vezes ingrata, de ordenar e conduzir um corpo estranho. A presença dessa alma, no entanto, é percebida pela existência do coração e é esse “âmago oculto do eu” que se aproxima ou se afasta de Deus.<sup>9</sup> Peter Brown, no já clássico livro *Corpo e Sociedade*, ressalta que a idéia de que o homem é composto de um corpo, de uma alma e de um coração é uma herança judaica presente no cristianismo desde Paulo de Tarso. Brown atenta que Paulo, o apóstolo e missionário, percorreu caminhos distantes, conheceu inúmeras cidades, e o fez com um único propósito: amolecer o coração dos gentios; ele foi certamente iniciado nos ensinamentos racionais gregos, tanto que conservará consigo algumas expressões da filosofia grega, e escolheu abandonar a Sabedoria dos grandes filósofos para propagar uma outra Verdade, aquela que reconhecia um Deus único e que esteve vivo que caminhou por entre os homens.<sup>10</sup>

É somente num coração amolecido que a esperança pode reinar, ou seja, é no íntimo que o cristão procura alento, conforta-se com a expectativa de um futuro feliz. Paulo de Tarso, segundo Brown, é um exemplo de coração amolecido, mas também o foi o célebre pensador cristão, Agostinho. Tanto que, como destaca Jean Guitton, em sua obra, o papel da sua própria conversão vai para além do testemunho, sendo a demonstração de que o amor de Deus reclama por cada homem, e que, mesmo na escuridão, onde o coração está entorpecido pela ansiedade, a constatação de que a felicidade da salvação pode ser alcançada renderá um coração cheio de esperança e não mais atormentado.<sup>11</sup>

---

<sup>8</sup> GILSON, Etienne. **O Espírito da Filosofia medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 2006; VAZ, Henrique C. de Lima. **Antropologia Filosófica**. São Paulo: Loyola, 1991.

<sup>9</sup> BROWN, Peter. **Corpo e Sociedade**. O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990. p. 39.

<sup>10</sup> BROWN, Peter. **Corpo e Sociedade**, p. 47; ver também: GILSON, Etienne. **A Filosofia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fonte, 1995. p. XIX.

<sup>11</sup> GUITTON, Jean. **Le temps et l'éternité chez Plotin et saint Augustin**. Paris: Librairie philosophique J. Vrin, 1959. p. 384.

Paulo de Tarso e Agostinho são exemplos, autoridades do saber cristão, que dão testemunho da passagem de um coração ansioso para um amolecido pela esperança, porém, para desdobrar melhor essa idéia vale aqui recorrer a um livro contemporâneo ao *Virgeu*: a conhecida obra *Boosco deleitoso*. Nesse livro, o personagem central é um solitário que percorre um bosque, que por vezes é agradável e belo, mas, em alguns momentos, é tenebroso e dificulta muito seu trajeto. No percurso ascético-místico descrito no livro, o solitário peregrino, guiado pelo Anjo da Guarda, coloca-se a andar e falar com vários santos, filósofos e com os personagens que representam as virtudes – a justiça, a temperança, a fortaleza, a prudência, entre outros – e os saberes cristãos, representados pela Santa Ciência da Escritura de Deus. A exemplo do *Virgeu*, também no *Boosco deleitoso* o anônimo recorre às reconhecidas autoridades do saber na Idade Média para fundamentar os seus argumentos, porém, de uma outra maneira. Se no *Virgeu* a opção do anônimo foi transladar trechos de diversos autores e de diversas obras, no *Boosco* as autoridades aparecem como personagens que se encontram com o peregrino durante o seu percurso. Podemos citar como exemplo a terceira parte do livro – Defesa da vida solitária –, onde o peregrino se encontra com vários personagens tidos por ele como exemplos de homens solitários – como Cícero, Sêneca, São Francisco, São Bernardo, São Tomaz de Aquino entre outros –, e, um a um, eles argumentam em favor de uma vida sem atribulações e mesquinhas: “E porém qualquer homem de boõ entendimento e de boõ engenho grande vantagem da a esta tal vida sobre a vida apartada”.<sup>12</sup> É curioso notar como o peregrino da alma criou um sistema simbólico que personifica as virtudes e os vícios, como também traz a vida e dá voz a grandes personagens do pensamento ocidental, isso porque, certamente o escritor estava preocupado em facilitar a memorização das verdades contidas nos seus livros, ou seja, as matérias tratadas por ele não deveriam somente circular, e sim serem sabidas de cor em benefício de uma vida virtuosa.<sup>13</sup> Para o peregrino, portanto, a vida de um cristão deveria seguir o compromisso ético com Deus e consigo próprio, porém, para tal feito, o

---

<sup>12</sup> **Boosco deleitoso**. Ed. de Augusto Magne. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, v. 1, 1950, 2 v. p. 71.

<sup>13</sup> YATES, Frances Amelia. **A arte da memória**. p. 111-138. A autora procurou enfatizar no capítulo 4 – A memória medieval e a formação de um sistema de Imagens – a relação entre a memória e a ética medieval, melhor dizendo, ao retomar a conceituação de memória, e até as técnicas memorativas – seu principal objeto – de autores como São Tomaz de Aquino ela demonstra a subordinação da memória pela moral medieval, ou seja, como a memória esteve a serviço da propagação da fé e das virtudes.

homem deveria “obrar, e assi como o bafo dos teus narizes e da tua boca nom cessam, bem assi estas cousas que te hei ditas nunca sejam partidas da tua memória e do teu coração”,<sup>14</sup> ou seja, para ele, o bom cristão carrega consigo as verdades da fé e era através delas que se poderiam realizar as boas ações.

Nessas duas obras citadas, bem como em suas contemporâneas, a opção dos escritores em remeterem-se diretamente, citando ou personificando, os grandes nomes do pensamento ocidental – não somente são referenciados os pensadores cristãos, mas também eles retomam constantemente os autores da filosofia antiga – foi possível ou necessário, por dois motivos aparentes: por um lado, os personagens referenciados são tidos como exemplos a serem seguidos, e assim, ao retomar tais nomes, os escritores reavivam na memória de seus contemporâneos os seus feitos e ensinamentos; por outro lado, o pensamento cristão é universal e sem propriedade<sup>15</sup> – tal como conhecemos.<sup>16</sup> O que pretendo dizer é que os pensadores cristãos do final do século XIV e início do século XV tinham uma profunda consciência de que seu saber nada mais era do que uma parcela de um empreendimento coletivo e duradouro e, portanto, não se propunham, como nenhum pensador cristão, romper totalmente com o passado, pois para eles importava manter uma tradição conduzida por uma fé e pelas autoridades<sup>17</sup> e pelo reconhecimento do contributo de outras tradições não cristãs. Antes de se proporem a romper com o passado, este se apresentava constantemente atualizado e vivo na memória. Os leitores e escritores medievais confrontavam-se com os textos antigos, as obras das autoridades do saber, sem se preocuparem efetivamente com os seus significados originais, ou melhor, pouco importava para os homens da Idade Média o contexto em que as obras estudadas surgiram. Muito diferentemente disso, eles

---

<sup>14</sup> **Boosco deleitoso.** p. 282.

<sup>15</sup> Na Idade Média a simples reprodução de passagens não era problemática, pois para os medievais não existia a diferenciação entre o fazer de um autor e o fazer de um escritor. Chartier adverte que tal diferenciação só começou a ser pensada por volta do século XVII, período em que é possível encontrar em dicionários franceses a definição de autor, como aquele que escreveu um texto e fez circular sua obra. CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros - leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p. 45.

<sup>16</sup> Michel Foucault adverte que a noção de autor como proprietário e responsável por seus escritos é muito recente. FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Veja, 1992.

<sup>17</sup> BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. **História da filosofia cristã:** desde as origens até Nicolau de Cusa. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 11.

encaravam a concretude dos textos por si, tentando resgatar um sentido universal e atemporal.<sup>18</sup>

Retomemos o itinerário do peregrino da alma. Seu caminho representa o percurso da alma do cristão em busca do conhecimento de si,<sup>19</sup> assumindo humildemente seu papel de pecador que, através da confissão para si mesmo desses pecados, faz sua viagem solitária e mística até o monte da contemplação, onde, enfim, pode entrar em comunhão com seu esposo Jesus.<sup>20</sup> Percurso, por vezes duro e difícil, por vezes prazeroso e contemplativo, que se enquadra no modelo medieval de “marcha de Deus”,<sup>21</sup> no entanto, se os peregrinos se retiravam do convívio familiar da comunidade monástica ou senhorial para seguir os perigos de um trajeto para a terra Santa, o peregrino da alma escolhe o ermo do bosque, motivando, pois, sua busca pela negação da vida social. A descrição do lugar escolhido pelo pecador anônimo revela a ambigüidade de sua trajetória e, por sinal, dos ensinamentos que ele traz no seu livro: o bosque é associado ao caminho do aperfeiçoamento moral tanto por ser áspero e difícil de ser percorrido, quanto por se aproximar deste por ser saudável e prazeroso. A escolha do bosque para essa viagem espiritual é justificada logo no prólogo da obra:

Este livro é chamado Boosco deleitoso porque, assi como o boosco é lugar apartado das gentes e áspero e êrmo, e vivem enele animálias espantosas, assi eneste livro se conteem muitos falamentos da vida solitária e muitos dizeres, ásperos e de grande temor pêra os pecadores duros de converter. Outrossi, em no boosco há muitas ervas e árvores e froles de muitas maneiras, que som vertuosas pera a saúde dos corpos e graciosas aos sentidos corporaaes. E outrossi há i fontes e rios de limpas e craras águas, e aves, que cantam docemente, e caças pera mantiimento do corpo.<sup>22</sup>

---

<sup>18</sup> COLEMAN, Janet. **Ancient and medieval memories**. Studies in the reconstruction of the past. New York: Cambridge University Press, 1992. p.3-4.

<sup>19</sup> CALAFATE, Pedro. **História do Pensamento Filosófico Português**. Lisboa: Caminho, 1999. p. 546. Sobre como os medievais entendiam a alma e o percurso para a salvação, ver: CHENU, Marie-Dominique. **O despertar da consciência na civilização medieval**. São Paulo: Loyola, 2006.

<sup>20</sup> **Boosco deleitoso**, p. 339

<sup>21</sup> GRABOIS, Aryeh. **Le pelerine occidental en Terre sainte au Moyen Âge**. Paris, Bruxelas: De Boeck & Larcier s.a, 1998, p. 19.

<sup>22</sup> **Boosco deleitoso**, p. 3.

Já na escolha da sua trajetória o anônimo peregrino anuncia a sua principal preocupação, que é alertar para a aspereza e para os perigos enfrentados pelos pecadores duros de converter, além de demonstrar como é prazeroso o trajeto do bom cristão. Toda a obra tem como objetivo demonstrar de forma alegórica essas duas trajetórias possíveis, destacando ainda o papel fundamental de se abandonar as coisas terrenas na busca pela salvação. Vale recorrer a uma passagem do *Boosco* onde o peregrino da alma sintetiza a sua idéia de um coração aflito apegado às coisas terrenas, em contraposição ao coração esperançoso:

E, filho, quando tu fores tal que te nom deleite nem uña cousa terreal, entom receberás avondança da consolaçom celestrial e divinal; e segundo a multidoem das doores que forem em o teu coraçom, as consolaçoões do Senhor alegraróm a tua alma; e bem-aventurado é aquele que nom houve tristeza em seu coraçom e nom caiu da sua esperança; e bem-aventurado é o barom que nom escorregou em a sua palavra e que nom é aguilhoado de tristeza de pecado.<sup>23</sup>

O peregrino da alma usa, portanto, a sua viagem espiritual como síntese da trajetória cristã, e ao enfatizar e vivenciar na sua trajetória dois caminhos possíveis ele atenta para o fato de o homem, por ser racional, pode e deve escolher. Anteriormente eu havia destacado o papel dessa escolha, porém faltou, naquela oportunidade, desdobrar e enfatizar que tal escolha é regida por uma racionalidade muito mais evidente do que a do homem: a racionalidade Divina. São os homens as grandezas da criação, porém, são eles apagados pela misericórdia Divina:

Todos os homeês pela graça de Deus podem bem viver, ca a misericórdia de Deus e a sua piadade dele, Senhor Deus, enfiinda é e nom enjeita nenhuñ, mas muitos a enjeitam. Pero nom podem todos teer o mais alto graau de vida, mas todos aquêles que querem viver sem infâmia som tiúdos de divido a esquivar as obras cujas e torpes e feas. Mas ir pera alteza da vida é virtude, e chegar a alteza de vida é bem-aventurança.

---

<sup>23</sup> Op. cit., p. 21.



Diante da criação, esses homens puderam então aceitar que o mundo e todas as coisas são regidas por uma ordem racional, com valores e fins inerentes à sua própria natureza; e também entenderam que as coisas são como devem ser, pois servem às suas finalidades naturais.<sup>24</sup> Assim, para os autores aqui analisados, as coisas são explicadas por serem dependentes da lei natural, ou ainda, pela concordância de que as coisas são como são, pois elas obedecem ao curso natural construído pelo transcendente. Para esses homens, a finitude da carne é encarada com valor positivo, pois o fim último da vida humana é um chamado para que os homens possam juntar-se a Deus, constituindo-se esse como o objetivo da vida, e também, a verdadeira possibilidade da Felicidade.<sup>25</sup> O próprio peregrino declara-se ansioso para o seu encontro final com Jesus Cristo, para o momento em que ele, como bom cristão, por ter sido humilde em admitir-se como pecador, por ter sido penitente e confiante, poderia então unir-se indissolavelmente a Deus:

Fremoso e aposto es tu, meu amado; tira-me depós ti, e eu correrei em odor dos teus linguentos; porque, assi como deseja o cervo as fontes das águas, assi desejo a ti, meu Senhor Deus. Grande sede e grande desejo hei de ti, senhor Deus, fonte viva. Quando irei e aparecerei ante a tua face? Quando me trespassarei ao lugar da tua celistrial grória e tua morada e maravilhosa casa da tua majestade, em que veja tua face craramente? Quando serei avontado e farto? Certamente, Senhor, eu nom posso seer farto, nem a minha alma avondada, senom quando vir a tua grória, que e a tua face. Senhor, tira-me desta carne e leva-me pera a tua grória.

Ao narrar a trajetória da alma do cristão, o anônimo peregrino cumpria a sua tarefa de ensinar e dar o exemplo aos seus contemporâneos, além disso, um de seus propósitos maiores foi, talvez, fazer fixar na memória de seus leitores as verdades da fé contidas nesse livro, para que esses reconhecessem no seu dia a dia as boas ações e afastassem os perigos da vaidade terrena.

---

<sup>24</sup> RACHELS, James. **Elementos de Filosofia Moral**. Lisboa: Gradiva, 2004. p. 84-89.

<sup>25</sup> MARITAIN, Jacques. **A filosofia moral**. Rio de Janeiro: Agir, 1964.

## **Bibliografia:**

### **Documentos:**

**Boosco deleitoso.** Ed. de Augusto Magne. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1950, 2 v.

**Virgeu de Consolaçon.** Ed. Crit. de Albino de Bem Veiga. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1958.

### **Estudos:**

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. **História da filosofia cristã:** desde as origens até Nicolau de Cusa. Petrópolis: Vozes, 2008.

BROWN, Peter. **Corpo e Sociedade.** O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

CALAFATE, Pedro. **História do Pensamento Filosófico Português.** Lisboa: Caminho, 1999.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros -** leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CHENU, Marie-Dominique. **O despertar da consciência na civilização medieval.** São Paulo: Loyola, 2006.

COLEMAN, Janet. **Ancient and medieval memories.** Studies in the reconstruction of the past. New York: Cambridge University Press, 1992.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Veja, 1992.

GILSON, Etienne. **O Espírito da Filosofia medieval.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GRABOIS, Aryeh. **Le pelerine occidental en Terre sainte au Moyen Âge.** Paris, Bruxelas: De Boeck & Larcier s.a, 1998.

GUITTON, Jean. **Le temps et l'éternité chez Plotin et saint Augustin.** Paris: Librairie philosophique J. Vrin, 1959.

MARITAIN, Jacques. **A filosofia moral.** Rio de Janeiro: Agir, 1964.

RACHELS, James. **Elementos de Filosofia Moral.** Lisboa: Gradiva, 2004.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Antropologia Filosófica.** São Paulo: Loyola, 1991.

YATES, Frances Amelia. **A arte da memória.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.